

LGBT+ NA MÚSICA BRASILEIRA

Estudante: Pedro Henrique Naves Rodrigues

Orientadora: Walleska Bernardino Silva

Escola: Colégio Mais Positivo

RESUMO

Durante os últimos anos, os índices de violência contra LGBT+ seguem aumentando, conforme denuncia o Mapa da Violência de Gênero. Na última atualização de dados desse Mapa, em 2017, o Brasil apresentou 225 casos de violência contra pessoas LGBT+ por dia. Apesar dessa violência injustificada, foi possível perceber um aumento significativo da representação desse grupo na cultura pop *mainstream* do país. Fato é que o mais usado e popular serviço mundial de *streaming*, o Spotify, apresenta listas de músicas especialmente sobre e para a comunidade LGBT+. Logo, esse estudo procura identificar e refletir sobre essa representação LGBT+ na música brasileira a partir da análise linguístico-ideológica das 69 músicas listadas de forma irrestrita pela plataforma para a comunidade mundial. Para tanto, os fundamentos teóricos de representação utilizados no estudo partem das premissas de Chartier (1991) e, metodologicamente, serão criadas categorias de análise que contemplam uma análise qualitativa de dados, que pretendem reunir evidências científicas para apresentar uma reflexão sobre a representação LGBT+ na música brasileira.

Palavras-chave: LGBT+, música brasileira, representação.

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Durante os últimos anos, foi possível perceber no Brasil uma crescente onda de conservadorismo e ataques contra minorias, dentre elas a comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e outras denominações, doravante LGBT+¹, conforme mostram dados do “Mapa da Violência de Gênero” (MVG), produzido e divulgado pelo sítio “Gênero e números”². Entre 2014 e 2017 foram contabilizados 12.112 registros de violência contra pessoas trans e 257.764 casos de violência contra homossexuais ou bissexuais. Apesar de esses serem os dados oficialmente registrados em 4 anos pelo MVG, sabemos que a violência é muito maior, porque muitos atentados violentos sequer são denunciados pelas vítimas. E essa violência é

¹Dentre tantas siglas existentes e possíveis para se referir à comunidade com a qual escolhemos trabalhar, optamos por LGBT+, congregando todas as denominações possíveis para essa comunidade. Para tratarmos mais profundamente do assunto quando do desenvolvimento da pesquisa, utilizaremos as concepções de gênero de Judith Butler (1990) e Teresa de Lauretis (1994).

²Endereço eletrônico: <http://www.generonumero.media/>.

praticada por diferentes nichos sociais: religioso, político, mercado empregatício, familiar, dentre outros.

Mesmo com essa crescente violência contra a comunidade LGBTQ+, grupo que entenderemos como de “resistência” ou “subalternizado” socialmente, conforme propõe Arroyo (2014), foi possível constatar um aumento significativo da representação desse grupo em diversos contextos, inclusive no contexto artístico. Considerando a Arte como um meio de expressão humana, ela se relaciona esteticamente com a cultura e a história e pode ser representada de diversas maneiras, dentre elas pela música, *corpus* de nossa pesquisa. Assim, nosso estudo busca identificar e analisar a representação LGBTQ+ na música brasileira, entendendo que a representação desse grupo cresceu significativamente nos últimos anos dentro do que é denominado cultura pop *mainstream*³ do país.

Partimos da premissa de que a Arte criada pela comunidade LGBTQ+, em geral, apresenta mensagens político-ideológicas (de protesto) contundentes sob a forma de entretenimento contemporâneo. Com isso, a análise linguístico-ideológica de canções que representam ou veiculam representações do grupo LGBTQ+ permite discussões fundamentadas cientificamente sobre como a comunidade se apresenta na música brasileira, potencializando visibilidade ao grupo.

OBJETIVO

Com a realização dessa pesquisa, nosso objetivo é identificar e analisar linguístico-ideologicamente a representação do grupo LGBTQ+ na música brasileira.

METODOLOGIA

Para a realização do projeto, serão analisadas, como *corpus*, músicas brasileiras listadas

³“*Mainstream*, em português, designa um grupo, estilo ou movimento com características dominantes. Este conceito está relacionado com o mundo das Artes, principalmente com a música e literatura. Um grupo musical *mainstream* agrada a maioria da população e apresenta um conteúdo que é comercializado com algum ou muito sucesso. Segundo Cardoso Filho e Janotti Júnior (2006, p. 8), “o denominado *mainstream* (que pode ser traduzido como “fluxo principal”) abriga escolhas de confecção do produto reconhecidamente eficientes, dialogando com elementos de obras consagradas e com sucesso relativamente garantido. Ele também implica uma circulação associada a outros meios de comunicação de massa, como a TV (através de videoclipes), o cinema (as trilhas sonoras) ou mesmo a Internet (recursos de imagem, plug ins e wallpapers). Consequentemente, o repertório necessário para o consumo de produtos *mainstream* está disponível de maneira ampla aos ouvintes e a dimensão plástica da canção apresenta uma variedade definida, em boa medida, pelas indústrias do entretenimento e desse repertório. As condições de produção e reconhecimento desses produtos são bem diferenciadas, fator que explica o processo de circulação em dimensão ampla e não segmentada.”

pela plataforma mais acessada e popular em nível mundial: o *Spotify*⁴. A lista escolhida foi a primeira a apresentar músicas apenas brasileiras de uma série de listas que resultaram da pesquisa no Spotify “Playlist LGBTQ+”⁵. No critério da busca, a lista que compõe esse *corpus* é a segunda na classificação geral e soma um total de 69 canções. Os grupos musicais das canções da lista selecionada não necessariamente pertencem à comunidade LGBTQ+, haja vista que a lista foi criada para a comunidade LGBTQ+, não exclusivamente por membros dessa comunidade.

Após a seleção dessa lista de canções, serão criadas categorias de análise que consigam fornecer meios linguísticos para a discussão e reflexão ideológica de como a comunidade LGBTQ+ é representada na música brasileira. Em outras palavras, a partir do material linguístico descrito em categorias de análise (dentre elas: temática da canção; tese defendida pela canção; relação da letra com a conjuntura sócio-histórica; elementos referenciais ao grupo LGBTQ+) serão problematizadas discussões sobre a representação LGBTQ+ na música brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto ora apresentado trata-se de um projeto que está em fase inicial de pesquisa, cuja data de início registrou-se em agosto de 2019 e cujo fim está previsto para julho de 2020. Dessa forma, embora ainda não foi possível, neste texto de inscrição para o evento Ciência Viva, redigido em setembro de 2019, apresentar algumas análises, podemos confirmar que este estudo pretende contribuir para a qualificação de discussões que objetivam tratar da representatividade da comunidade LGBTQ+ em músicas brasileiras. Isso será possível porque a pesquisa mapeará, por meio de uma lista de canções apresentada pelo *Spotify* para o grupo LGBTQ+, evidências linguístico-ideológicas que possibilitem uma representação dessa comunidade. Dessa forma, esse grupo de “resistência” ou “subalternizado” socialmente (ARROYO, 2014) poderá contar com evidências acadêmico-científicas produzidas para fundamentar discursos que colocam em foco a representação LGBTQ+.

Para a apresentação do projeto nos dias do evento do Ciência Viva, nos dias 12 e 13 de novembro de 2019, já será possível apresentar as primeiras análises e conclusões parciais sobre a pesquisa descrita.

⁴O *Spotify* é um serviço de streaming digital que dá acesso instantâneo a milhões de músicas, podcasts, vídeos e outros conteúdos de artistas de todo o mundo. As funções básicas são gratuitas, como a reprodução de músicas.

⁵ Lista disponível em: <<https://open.spotify.com/playlist/0txov9oMqdAbheZnZ8cv85>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, Outras pedagogias**. 2ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BUTLER, Judith. **Variaciones Sobre Sexo y Género**: Beauvoir, Wittig y Foucault. Valencia, Ediciones Alfons el Maghilmim, 1990.

_____. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. 8a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARDOSO FILHO, Jorge; JANOTTI JÚNIOR, Jeder. A música popular massiva, o mainstream e o underground trajetórias e caminhos da música na cultura midiática. **Anais Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB**, 6 a 9 de setembro de 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1409-1.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estud. av.** São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, abril de 1991. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 ago. 2019.

MAPA DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO. Disponível em

<<https://mapadaviolenciadegenero.com.br/>>. Acesso em: 05 ago. 2019.

LAURETIS, Teresa de. “A Tecnologia de Gênero.” In: HOLLANDA, Heloisa (org.).

Tendências e Impasses – O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Lista Orgulho LGBT*. **Spotify**. Disponível em:

<<https://open.spotify.com/playlist/0txov9oMqdAbheZnZ8cv85>>. Acesso em: 25 ago. 2019.

RODRIGUES, Carla. Butler e a desconstrução do gênero. **Rev. Estud. Fem.** vol.13 no.1

Florianópolis Jan./Apr. 2005. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000100012&lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2019.